

Sem comemoração

ONGS BRASILEIRAS AFIRMAM NÃO TER O QUE CELEBRAR

As Organizações Não-Governamentais (ONGs) brasileiras não tiveram muito o que comemorar, ontem, no Dia Internacional do Meio Ambiente. Elas preferiram se calar como forma de protesto pela falta de políticas ambientais eficazes.

"Esse foi um ano catastrófico. Antes do governo Fernando Henrique, a Semana do Meio Ambiente era mais produtiva", reclamou João Paulo Capobianco, diretor do Instituto Socioambiental. "Não temos motivos para comemorar."

Capobianco lembra o "desastroso" calendário ambiental: o ano começou com a divulgação dos dados de desmatamento na Amazônia, depois a negociata para a aprovação da Lei de Crimes Ambientais, seguida do incêndio em Roraima e, por último, a divulgação da devastação da Mata Atlântica. Somente em São Paulo, o Estado com o maior aparato de fiscalização, entre 1990 e 1995 foram desmatados 67,4 mil hectares, o que representa a destruição de dois campos de futebol por hora. "Com esses da-

dos e sem políticas públicas só nos resta o luto."

Foi assim, com uma faixa negra estendida em frente da sua sede, que a Associação de Proteção Ambiental (APA) lembrou a data. A indignação é pela atual situação do lixo clandestino de São Paulo.

Para Roberto Smeraldi, diretor da ONG Amigos da Terra, o Brasil chegou na máxima distância entre a lei e sua capacidade de implementação. "A administração ambiental nunca esteve tão mal. É melhor continuar trabalhando do que comemorar."

Mais otimista, o diretor da SOS Mata Atlântica, Mário Mantovani, acredita que a ecologia já entrou definitivamente na agenda do País. "A mobilização das empresas para se adequarem a um projeto ambiental mostra que nós já estamos existindo."

Para Mantovani, a simbologia do dia também é importante e faz refletir sobre as novas ações a serem tomadas. "Ainda temos um longo percurso, mas estamos no caminho certo."

Camila Garcia